

Sabiá

Barretos, Maio de 2008 - Número 12 Ano 2 e-mail: sabiabarretos@sabianet.com.br

A SAGA DE MIYOKO



Idade: 5 anos

Ano: 1934

Destino: Brasil

O legado
dos
Mikamis

Pág 4

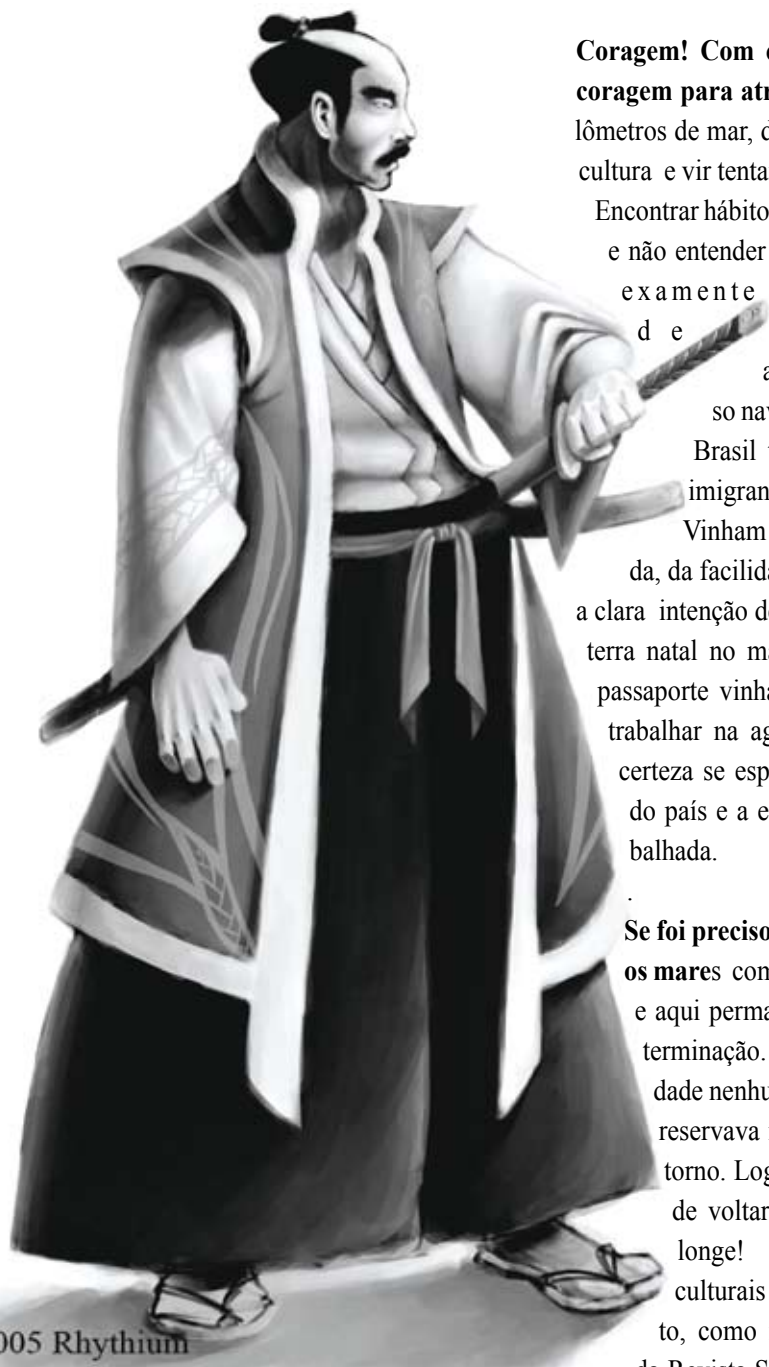
A Marca de
Avelino Kikuo
Kavaguti

Pág 6

O desafio
dos
Fujinami

Pág 7

Os Samurais do dia-a-dia



Coragem! Com certeza foi preciso muita coragem para atravessar quase 20.000 quilômetros de mar, deixar a terra querida, a sua cultura e vir tentar a sorte num país estranho.

Encontrar hábitos diferentes, gente diferente e não entender nenhuma palavra. Mas foi exatamente isso que fizeram milhares de famílias japonesas desde o ano de 1908 quando o famoso navio Kasato Maru atracou no Brasil trazendo os primeiros 785 imigrantes japoneses.

Vinham em busca da terra prometida, da facilidade em fazer dinheiro, com a clara intenção de ganhar e voltar para a sua terra natal no máximo em cinco anos. No passaporte vinha carimbado: colonos para trabalhar na agricultura. E com absoluta certeza se espantaram ao ver o tamanho do país e a extensão de terra a ser trabalhada.

Se foi preciso coragem para atravessar os mares com certeza fincar o pé na terra e aqui permanecer exigiu foi muita determinação. Por aqui não havia facilidade nenhuma e a terra prometida lhes reservava muito trabalho e pouco retorno. Logo perceberam que o sonho de voltar ia ficando cada vez mais longe! O abismo das diferenças culturais também não ajudava muito, como relatou nosso entrevistado da Revista Sabiá número 3, senhor Ka-

wai: “Eu estava lá pegando cogumelo e a molecada falava que japonês não tem jeito. Além de comer sapo, come casinha de sapo”. Hoje rã e cogumelos são iguarias finas no país.

Nesta edição você leitor vai enveredar pela história impressionante de Miyoko que chegou no Brasil com 5 anos de idade junto com o pai e a mãe, tendo deixado sua irmãzinha de 3 meses de idade no Japão. O reencontro só se deu 65 anos depois! Vai conhecer também outras histórias de ditians e batians que se uniram, construíram família no Brasil e deixaram uma marca indelével na nossa cultura. Tudo por conta da perseverança, da disciplina, da união com que sempre encararam qualquer desafio. Vai ver ainda belos exemplos de uma brava gente que começou a vida colhendo café, algodão e passou de colono a meeiro, a arrendatário e por fim a proprietário. Uma gente destemida que deu uma contribuição absolutamente impecável ao desenvolvimento da nossa agricultura

Hoje no Brasil estima-se que os nipo-descendentes somem 1,5 milhão de pessoas sendo que até a década de 1960 se concentravam em São Paulo e Paraná. Com o passar dos anos os nikkeis foram se espalhando por todos os Estados da Federação.

Em Barretos temos em torno de 500 famílias japonesas o que significa cerca de 2.000 pessoas. Sabemos que o legado destas famílias vai muito além do trabalho. Passa acima de tudo pelo respeito, sensibilidade e dignidade.

Dra. Marina S. Kitagawa Murata

CROSP 28.241

Rua 30, 1237 Fones: 1171 3322-6360 3322-2028 Barretos/ SP



Sabiá

e-mail: sabiabarretos@sabianet.com.br

Direção: Ana Rita Bernardes

**Arte e Criação:
Walter M. Moreira Júnior**

Jornalista Responsável:

Luiz Alberto Soares MTB: 49.528

Impressão : Gráfica Barretos

Miyoko, 5 anos, 1934, Brasil

A história de uma menina japonesa que chegou ao Brasil com a família em busca de uma terra prometida que lhe deu em troca muito trabalho e uma incrível alegria de viver



O pai Tomoe Mattumoto, a mãe Sei Mattumoto e Miyoko

Miyoko tinha 5 anos de idade quando deixou o Japão saindo do porto de Kobe no dia 18 de julho de 1934. O destino era o Brasil, que por algum motivo tinha se tornado a terra prometida e local onde se podia enriquecer. Estava com seu pai Tomoi Makimoto, 34 anos, sua mãe Sei Makimoto e seu irmão Massakio de dois anos. Sua irmã Mikiko teve que ficar no Japão porque tinha apenas três meses de idade e não aguentaria a viagem. Miyoko mal se lembra da viagem que terminou em 31 de agosto quando o navio Montevideo Maru chegou ao Porto de Santos. No passaporte com as fotos do pai, mãe e da pequena Miyoko estava escrito: “colonos para trabalhar na agricultura”.

Dumont foi o primeiro destino da pequena Miyoko. A cultura do local era o café. A casa totalmente desprovida de conforto. Um cavalete era utilizado para cama. Não havia cadeira, nada. A comunicação com as outras pessoas era complicada porque não entendiam nada de português. Aos cinco anos tinha que acompanhar os pais na roça e tomar conta do irmão enquanto o pai e a mãe trabalhavam na carpina e colheita do café. A comida era estranha, diferente. O sonho de ganhar dinheiro e voltar em cinco anos começava a ficar distante. Todo o trabalho no início era para se manter. Na primeira vez que Miyoko foi à escola não entendia o que a professora falava. Ficava desenhando cobrinha para passar o tempo.

O algodão trouxe mudanças para a família Makimoto, mas também trouxe uma tragédia. Nessa época Miyoko já trabalhava na roça ajudando o pai e a mãe. O

trabalho era duro, estafante e muitas vezes perigoso. A pulverização do algodão era feita pelos colonos, homens e mulheres. Talvez por isso seu pai tenha adoecido. Ficou triste e muito fraco. Lembra que tinham que passar a carpideira na terra e foi ela quem ajudou sua mãe. “Minha mãe segurava a carpideira e eu ia puxando o cavalo e chorando porque machucava os pés nos tocos, gravetos...”. A tragédia veio quando chegou em casa sozinha um dia e encontrou seu pai morto. Tinha nove anos.

As coisas começaram a melhorar para a família de Miyoko quando foram para a fazenda Olho D’Água, Ribeirão Preto e começaram a plantar hortaliças e vender na cidade. Sua mãe havia se casado novamente e seu padastro tinha outros dois filhos. Já possuíam um sítio quando Mioko foi pedida em casamento por Mas-

sayuki Kitagawa. Naquela época o casamento era arranjado. Uns diziam para outros: “tem um bom moço solteiro naquela casa”. Seu padastro chegou e disse: “Você quer casar com ele? Eu disse que sim. Fizeram o miai (festa de casamento) e fui embora com ele para Barretos”. Miyoko estava com a mesma idade da mãe, quando esta chegou no Brasil, 23 anos. E começava uma nova aventura.

O marido, Sr. Massayuki Kitagawa, três anos mais velho tocava roça de arroz, algodão, milho. Chegaram em Barretos para morar numa casa de pau-a-pique e para enfrentar o que viesse pela frente, ou seja, muito trabalho duro. Mas que valeu a pena. Foi em Alberto Moreira que construiu o futuro dos filhos. Arrendaram sítio, plantaram arroz, fizeram dinheiro para junto com os irmãos do marido comprarem um fazenda em Colômbia. Comercializavam hortaliças da época e vendiam tudo na cidade. Afinal Miyoko começava a ganhar o dinheiro que seu pai viera buscar e pelo qual atravessaram o mundo.

Estava bom? Estava, mas lá foi novamente Miyoko Kitagawa em uma nova aventura com o marido: o sertão de Tocantins derrubar mata e formar uma fazenda um pouco maior para ter mais o que dividir para os 6 filhos. Na época não tinha água, não tinha luz, a roupa era passada em ferro de brasa. O marido enxergou o futuro! Segundo ela, hoje tem até asfalto passando próximo à fazenda. Impressionante! A pequena Miyoko hoje tem 79 anos. Um rosto cheio de luz e puro. Uma mulher impressionante!



Outra história: Somente aos 71 anos Miyoko reencontrou sua irmã no Japão. Aquela que ficou lá com três meses de idade. Miyoko de azul, a irmã Mikiko com a filha e seus netos.

O legado dos Mikami

Brasil, a terra prometida, uniu Massao e Sanae, que tiveram sete filhos, 19 netos, 20 bisnetos e mais dois bisnetos estão a caminho

Massao Mikami tinha 20 anos quando chegou ao Brasil em 1932. Como todo imigrante japonês veio em busca da terra prometida e da facilidade em fazer dinheiro. Encontrou aqui sua companheira, Sanae, que chegou em 1935, com 17 anos, uma adolescente ainda. Casaram-se em Rincão e, logo depois, vieram plantar algodão em Alberto Moreira, distrito de Barretos. Em meio a luta árdua de plantar, colher, combater as formigas, que na época eram uma praga, foram construindo a família que hoje já está na quarta geração, com 46 membros e mais dois descendentes a caminho.

As irmãs Nair e Luiza são duas dos sete filhos do casal Mikami. “Meus pais trabalharam muito na roça. Embora tenham vindo com algum dinheiro foi tudo gasto na agricultura”, conta Nair. Depois do algodão começaram a cultivar e comercializar hortaliças, um setor agrícola em que a família se deu bem. As duas irmãs aprenderam o ofício de cabeleireiro observando o pai que cortava o cabelo dos lavradores, dos filhos dos lavradores e da família. “Quando viemos para a cidade eu e minha irmã Luiza já tínhamos uma profissão e investimos nela”, conta.

Em 1962 abriram um dos mais antigos e famosos salões de cabeleireira de Barretos que hoje é referência na cidade. Nele muitas gerações de profissionais foram formadas. “Hoje as moças que estão comigo são nossas parceiras, formamos uma família, explica Nair”. Na sua empresa prevalece um bocadinho do jeito brasileiro misturado com sabedoria oriental. Nair acha que o sucesso dos japoneses se deve ao fato de serem metódicos e perseverantes. “Meu marido Tadao é assim. Mas eu me sinto mais brasileira”. O encontro com Tadao Sawanaka se deu em 1959, ele recém-chegado do Japão. Estão unidos há 49 anos. Hoje Tadao é monge e dirige o Templo Budista Tohoku Nambei Honganji em Ribeirão Preto. O casal tem três filhos, Miriam, Sérgio e Lúgia. Dois genros, Paulo Cruvinel e Renato Vital. E três netos e uma neta! E a família Mikami continua crescendo e consolidando o nipobrasileirismo!



Acima Tadao Sawanaka, Nair Mikami e os netos Rafael e Vítor. Embaixo Tadao com André e Paula





Dr. Suzuki
laboratório
DE ANÁLISES CLÍNICAS

Dr. Ednei Matsumoto
CRF-SP 26.633

Dr. Christian Matsumoto
CRF-SP 22.530

Rua 28, 964 Tel: (17) 3322-3622
Email: labsuzuki@terra.com.br
Barretos/SP

Qualidade em
Análises Clínicas



SELO DE QUALIDADE
SBAC
Sociedade Brasileira
de Análises Clínicas



DR. HÉLIO M. TANIMOTO
Periódontia e Reabilitação Oral
CROSP 29521

DRA. MIRIAM E. K. TANIMOTO
Odontopediatria
CROSP 39542

Av. 17, 1233 Fone: (17) 3322-6448
Barretos São Paulo

A arte milenar do Bonsai

Apaixonado pela cultura oriental o barretense Charles Roberto Ferrante Jr. está entre os dez bonsaístas mais importantes do Brasil e traz a primeira Escola de Bonsai para Barretos e região

Paciência, meditação, arte e harmonia com a natureza. Estes são os sentimentos e sensações que você adquire quando começa a aprender a criar um bonsai. “Criar é a palavra certa porque bonsai é uma arte viva que reflete uma relação de respeito entre o ser humano e a natureza”, ensina Charles Roberto Ferrante Jr. que inaugurará em junho a primeira Escola de Bonsai para Barretos e região.

Bonsaísta apaixonado Charles tem na ba-

ragem 10 anos de aprendizado, parte destes anos com o mais respeitado bonsaísta do Brasil, Osamu Hidaka. Possui mais de 40 certificados de participação em eventos nacionais e internacionais, alguns como aluno e outros como professor.

Para quem gosta de arte e natureza o

ateliê do bonsaísta Charles Roberto Jr. é o local ideal, com muito verde, estrutura rústica belíssima e um suporte de plantas variadas. “As aulas são destinadas a pessoas de 10 anos, 40 anos, 100 anos. “A experiência do bonsai é atemporal”, explica Charles.



Sete anos de dedicação e muita arte, separam as fotos acima. Primeiro a planta bruta e embaixo um verdadeiro Bonsai.



Paixão, dedicação e muita, muita paciência são os requisitos principais para se tornar um bonsaísta. A afirmação de Charles R. F. Júnior é decorrente da sua experiência. Aos 10 anos conheceu pela primeira vez um bonsai. Seu primeiro professor foi Chiguelo Massita, que lhe ensinou a técnica tradicional do bonsai chinês. “A ele devo tudo o que aprendi, pois sem seu incentivo nada disso seria possível”, afirma. Mas Charles buscava mais. Participava de palestras, congressos, discussões. Estudava tudo sobre bonsai, quando um dos maiores bonsaístas do Brasil Osamu Hidaka, vendo-o preparado para iniciar o verdadeiro ensinamento do bonsai lhe disse: “Ok! Charles pode vir que eu vou ensinar bonsai para você”.

“Nem dormi naquela noite”, conta Charles. Tinha seus motivos, afinal Hidaka é muito respeitado no mundo da arte do Bonsai. Ele aprendeu com o avô que veio do Japão para o Brasil e trouxe todo o conhecimento desta arte. Com o gosto e o apreço que tem pela cultura japonesa Charles se considera privilegiado por ter o respeito e o reconhecimento de Hidaka, hoje com 89 anos. “Sou um privilegiado em poder participar dos ensinamentos do meu sensei.

A arte do bonsai mudou a minha vida e quero passar isto para outras pessoas”, conclui.

Início das aulas em Junho!!

Recanto Pousada do Bonsai

Av. Antenor Duarte Vilela, 2325 (em frente ao Vovô Antônio)

Jd. Campo Redondo (17) 3323-1495 / 8123-6810

A marca de Kikuo, carinhosamente Avelino



Um homem honrado, dignidade, muitos amigos e um sorriso franco e aberto

Sua história!

Enquanto o mundo inteiro se degladiava na 2ª Guerra Mundial os pais de Kikuo chegavam para trabalhar na plantação de café em Serra-na. Foi lá que nasceu Kikuo Kavaguti, carinhosamente Avelino. Os primeiros tempos foram difíceis mas o trabalho dava resultado. Os primeiros tempos foram difíceis, com 42 anos seu pai morre e a mãe vem para a região de Barretos. Kikuo tinha na época 5 anos e mais cinco irmãos. Vieram direto para a Fazenda Buracão. Passaram por grandes dificuldades, mãe viúva, a irmã teve que trabalhar na casa da fazenda e seu irmão mais velho é que assumiu o lugar de chefe e tocava roça de café. “Polenta de italiano era bom, mas a gente comia mesmo era angú, fubá com sal”, conta.

Mas as coisas estavam destinadas a mudar. Anos depois conseguiram uma terra para plantar. Escolheram o arroz. Plantaram 20 litros. O irmão mais velho ia na frente abrindo as covas, a mãe semeando e o menino Kikuo com a bunda batendo no carrapicho tampando os buracos. O sacrifício valeu a pena e um ano depois tinham 20 sacos de arroz, ou seja comida para aguentar a próxima safra de café. Depois do café veio o algodão. “Arrendamos uma terras e as coisas começaram a melhorar”, conta Kikuo. A vinda para a cidade trouxe progresso. As dificuldades já não eram tão grandes. A comunidade japonesa se aproximava, trocava informações e melhoravam as ações para se ajudar..

O Kaikan

Avelino sempre foi muito cordial, alegre e se integrava facilmente com italianos, negros, portugueses, enfim, com todos. Foi com essa mistura de nacionalidades que nasceu o Kaikan, fundado para ser um lugar onde a comunidade pudesse se encontrar, trocar infor-

macões e ter um espaço de lazer. “O Kaikan nasceu assim, aberto para a comunidade. Lá a gente conversava, dançava, encontrava os amigos, fazia novas amizades”, conta Avelino Kavaguti.

Nessa época Barretos tinha cerca de 100 famílias japonesas, formando uma população de quase 1.000 pessoas. O jogo da moda entre os japoneses era o “basebol”. Junto com o clube nascia também o Undokai, festa que reunia a comunidade todo dia 29 de abril, aniversário do Imperador Japonês. Tinha atletismo, recreação, danças folclóricas. “Brasileiro também disputava, mas tinha perna mais comprida que japonês. Então ganhavam com mais facilidade”, fala rindo o senhor Avelino, que sempre esteve à frente do Kaikan junto com um grupo de amigos. Hoje é o único sócio fundador ainda vivo. Tem boas recordações dos amigos e famílias do passado tem muitas histórias para contar. A memória continua boa.

Outra História

Sua semente germina na atuação de seu filho Wagner Misuo Kavaguti, atual vice-presidente do Kaikan. Wagner e mais sete amigos estão empenhados em conduzir o Kaikan ao patamar de importância de outrora. No fundo, um ideal mais nobre ainda está contido na proposta de recuperação do antigo Kaikan: o espaço Kaikan vai ser o ponto de encontro entre as gerações mais antigas e as crianças, para o ensino de japonês, transmissão da filosofia oriental, das histórias, hábitos e costumes. “O Kaikan nunca foi um clube fechado em si mesmo. A participação da comunidade brasileira vai continuar a ser estimulada”, afirma Wagner. Neste mês junto com o atual presidente do Kaikan, Paulo Hayacibara realizaram o 1º Barretos Matsuri

que contou com a colaboração de 200 voluntários nipo-brasileiros.

Para Avelino Kavaguti essa vontade dos mais jovens de retomar o clube e torná-lo ativo novamente é motivo de orgulho porque demonstra solidariedade e respeito com os mais idosos. “Somente com o trabalho desses meninos é que vamos conseguir preservar as nossas raízes e a nossa história”, afirma.

São duas pontas da história que se unem em torno do Kaikan, pai e filho. Wagner Kavaguti diz com orgulho “o legado do meu pai é seu nome, essa é nossa fortuna”. Como ele sempre dizia “não tem que ter vergonha de ser pobre, tem que ter vergonha de não ter nome”.

Senhor Avelino (ao lado) e abaixo seu filho Wagner Mitsuo Kavaguti, vice-presidente do Kaikan e



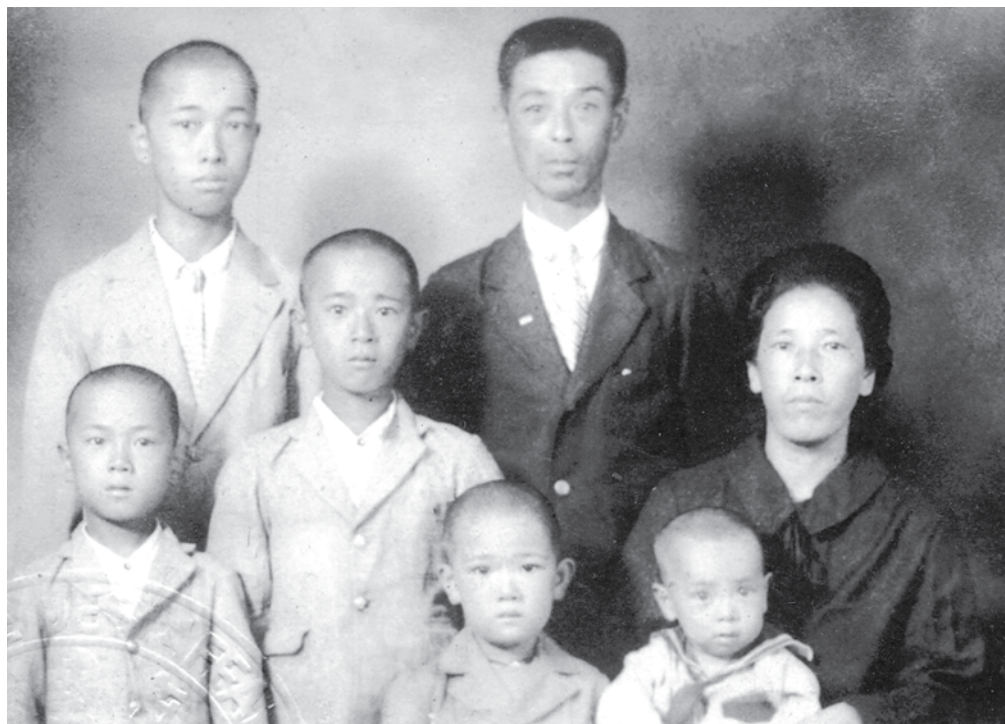
O desafio dos Fujinami

Quatro membros da família Fujinami mantém a tradição de agricultores. Cinco mulheres participam da vida urbana em profissões variadas

Kenji Fujinami tinha 15 anos quando saiu de Shizuoka-Ken rumo ao Brasil junto com seus pais Keisaku e Hana Fujinami e outros cinco irmãos. O destino: plantações de café na Alta da Mogina, na cidade de Miguelópolis. Contudo a época não era propícia. Em 1929 se deu o crack na bolsa de valores e Getúlio Vargas mandou queimar toneladas de café pelo Brasil afora. Todo mundo quebrou. Mas o Brasil era um país de grandes possibilidades e o povo japonês criativo e perseverante. No lugar do café, Kenji plantou cereais, arroz, soja, milho. Inveredou também na cultura do algodão. À moda japonesa foi apresentado para a sansei, Umeko Umezo, que se tornou senhora Fujinami. Tiveram 9 filhos, 22 netos e sete bisnetos.

Joaquim, Luiz, Waldemar e Isaura Fujiname mantêm vivo o sonho do pai e continuam trabalhando na agricultura. Maria e Luzia são professoras, Nair bancária, Cida Psicóloga. Julieta é dentista e prefeita de Peruíbe e provavelmente a única prefeita de origem japonesa em atividade. Aparecida Fujinami Tanimoto que está em Barretos desde 1989 é psicóloga e acupunturista. Ela é quem conta com orgulho a saga do seu pai Kenji. “Meu pai foi um homem determinado. Chegou no Brasil no momento de uma crise econômica mas soube construir uma vida sólida baseada na agricultura”. Claro, a paciência, a perseverança e a criatividade, traços do caráter japonês exerceram papel fundamental nessa história.

Os mesmos traços que acompanham Cida Fujinami Tanimoto quando diz “acho que tenho um pouco dessa coragem dos imigrantes”. Ela viajava alguns quilômetros da fazenda onde morava para estudar em Miguelópolis, onde fez o ensino médio. Depois viajava para Ituverava onde fez o curso superior de Matemática



Keisaku e Hana Fujinami e seus cinco filhos- Kenji Fujinami, 15 anos, ao lado do pai

e Contabilidade. Foi funcionária do Banco do Brasil e ao sair foi correr atrás de outro sonho: a Psicologia.

Quando resolveu estudar psicologia já era casada com o engenheiro Junior Satoru Tanimoto e mãe de duas filhas. Conta que foi preciso lutar muito para realizar o sonho de ser psicóloga. “Era uma dificuldade muito grande porque as meninas ainda eram pequenas. Lembro que eu corria atrás do ônibus e elas corriam

atrás de mim chorando”, conta Cida.

Hoje as duas filhas já são adolescentes. Tem nomes bonitos: Izadora Mayumi e Rafaela Midori. Elas fazem parte da quarta geração que começou com o avô Kenji em 1929. Aparecida diz que procura preservar os hábitos e a tradição japonesa em casa. As meninas estudam japonês, apreciam a culinária típica, embora seja o marido o melhor cozinheiro da casa. Na

recente festa Matsuri de Barretos Cida se apresentou dançando junto com as filhas! E essa pequena japonesa não para. Fez pós-graduação em Psicodrama e em Acupuntura. Mantém a saga e a garra dos Fujinami ao lado do companheiro Tanimoto.

CLÍNICA DE ACUPUNTURA EQILLIBRIUN

Aparecida Fujinami Tanimoto
atanimoto@uol.com.br

Terapia auxiliar em casos de stress,
ansiedade, depressão, insônia, enxaqueca,
impotência, alterações menstruais
ou hormonais, dores em geral

“Não existe doença, existe desequilíbrio.
Tudo tem que ser na medida certa.”

Avenida 33, 66
Fone: (17) 3322-9041 9773-4204



Livros, café e amigos...

Afinal um espaço!

Cafê, livros e amigos ou livros, amigos e café, ou... Não importa a ordem, o que importa é que agora temos um espaço nobre para sentar, conversar, tomar um café, ler e encontrar o livro desejado. De certo tem para todo mundo. Estão lá os escritores modernos e os antigos. Livros de decoração com qualidade impecável, gibis de tirar o fôlego de tanta qualidade gráfica. Uma coletânea, que para mim é inédita do Pasquim, em dois volumes. E os "pockets books" com autores de peso como Bertrand Russel, Umberto Eco, entre outros. Mais importante é que pode pisar na grama, ou melhor pode pegar, folhear, sentir... olhar para o café fumegante e dizer, enfim a vida tem seus prazeres....



Jóia cultural, presente com personalidade

O livro é um dos mais elaborados produtos culturais do homem. Tem design, tem cheiro, tem reflexo tátil e na minha opinião somente o livro justifica a derrubada de árvores para se obter o papel, para reproduzir mundos à parte. E ao contrário do que imaginam não está em extinção. Vejam o exemplo de O Código da Vinci lido, relido e até discutido no mundo inteiro por milhões de pessoas que nunca tinham ouvido falar em Opus Dei, em Protetorado de Sião e numa Roma onde política tem maior valor que a fé. O importante dessa jóia cultural, o livro, é que ele ultrapassa os limites do objeto, passa a criar mundos e significados que podem transformar uma pessoa.

Falando em jóia...

Lembro de um pequeno livro de um amigo. Uma edição de Fernando Pessoa em capa de couro e papel semelhante ao da Bíblia. Inacreditável. Esse livro passeou para todos os recantos e praias do norte do Estado de São Paulo. De vez quando meu amigo o tomava de mim e ainda me repreendia: "Só você quer ficar com o livro?" Tinha que entregar com uma certa tristeza. Vasculhei todos os sebos de São Paulo, com este amigo à procura de uma edição semelhante, mas nada. Era como um pocket book de luxo. Encontrei Eli Faure, algumas edições da Bíblia, Mil e Uma Noites com ilustrações, mas nada do Pessoa naquele formato.

Bíblia, Arte da Guerra...

Para mim livros de motivação são estes dois livros acima, Bíblia e Arte da Guerra. Parece contraditório, mas Arte da Guerra pode se entendido também como a arte da paz. A Nobel tem ótimos livros de auto-ajuda, motivação, liderança que vale a pena conferir. São livros com estofos, vão muito além da receita de bolo que alguns tentam colocar na praça. Um exemplo: **O Líder 360°** de John C. Maxwell. Esse é dos bons. Outro: **Liderança e Genialidade Empresarial**, de Ômar Souki, o que Bill Gates, Walt Disney e Ted Turner fizeram para chegar lá. A Nobel é um presente nobre para Barretos. E o Fábio um menino de bom gosto e de coragem. Apareçam lá....



ÁGUA
Dádiva para a Humanidade
Sabendo usar, não irá faltar!
Evite o desperdício

Rua 30 nº 220
☎ 0800 772 5300
Site: www.saacb.com.br
E-mail: saacb@saacb.com.br



BARRETOS

Plantio de 400 árvores pau-brasil em área do Bairro City Barretos.

É o Posto Berrantão neutralizando parte do carbono jogado na natureza!!!!

**Avenida Prof. Roberto Frade Monte, 2049 - Tel. 3324 5555
COMBUSTÍVEIS. SERVIÇOS. LOJA DE CONVENIÊNCIA. 24 HORAS**

Realização



Apoio



Secretaria Municipal do Meio Ambiente

Parceiros em projeto de RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

A luta contra a queimada de cana

A primeira vitória do vereador Paulo Correa veio com a aprovação da Lei que prevê o fim das queimadas da cana-de-açúcar em 2009 no município de Barretos

A segunda, veio da decisão do TJ que negou liminar do Sindicato da Indústria da Fabricação do Alcool contra a lei do Vereador. “Não estamos brincando de fazer leis”, afirmou Paulo Correa.

Para o Vereador Paulo Corrêa o trabalho continua. Por isso já está cobrando do Sindicato Rural, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e das 11 Usinas instaladas em nossa região mais **QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL!**

Da Prefeitura quer estrutura para fiscalização da lei, com veículos, fiscais e equipamentos

As donas de casa podem comemorar um 2009 sem fuligem, menor risco para a saúde da população e uma cidade mais limpa!



Celso Francisco Bonfim, presidente da Associação de Alunos e Monitores do Cemup, professor Adilson Ventura de Mello, diretor da EM João Ferreira Lopes, o vereador Paulo Corrêa, o professor Pedro Cândido de Paula Moreira, Bras Augusto de Menezes, membro do PT, Leila Batista Nascimento Silva, Coordenadora do Cemeif Humberto Minaré e Nilva Maria Pires, diretora do Cemup na entrega do abaixo assinado que pede o fim das queimadas de cana

Barretos um passo à frente

“Foi uma luta árdua, mas Barretos aprovou a lei que prevê o fim das queimadas de cana”. A afirmação é do vereador Paulo Correa autor do projeto de lei, aprovado por unanimidade na Câmara Municipal em maio de 2007. Este projeto impede a queimada da palha no município de Barretos a partir do ano de 2009.

Enquanto isso o governo do Estado de São Paulo vem tentando acordo com os usineiros para diminuir o prazo para o fim das queimadas, fixado anteriormente para 2021. Os dois últimos protocolos definem para 2017 e 2014 (conforme o tipo de terreno) estes prazos. “Estamos cinco anos à frente dos novos prazos do estado. Quem ganha com isso é a população de Barretos, que poderá a partir de 2009 sentir os benefícios de não ter queimadas de palha de cana em seu município”.

Questão de Saúde Pública

Mas a importância do projeto de lei vai além de apenas antecipar o fim das queimadas. O último boletim de informações do IEA (Instituto de Economia Agrícola) deixa claro que a fuligem contém cerca de 40 substâncias com potencial cancerígeno, além de compostos considerados contaminantes ambientais.

Por outro lado as internações por problemas respiratórios aumentam consideravelmente durante o período da safra. Para o vereador os maiores prejudicados são as crianças e os idosos. “O fim das queimadas da palha de cana-de-açúcar elimina esse tipo de poluição evitando pressão sobre o sistema de saúde pública, que já é sobrecarregado”, explica. Ainda abre caminho para a prevenção, um conceito importante para a saúde nos dias atuais.

Questão do trabalho e tributária

“Que ninguém se engane, cortar cana é um trabalho semi-escravo. Haja vista as mortes de cortadores ocorridas na última safra”, lembra Paulo. De certo modo o fim das queimadas obriga as empresas a optarem pela qualificação profissional destas pessoas. Isto significa incorporá-las ao sistema produtivo de forma mais racional e menos degradante.

Outro dado que o vereador defende é que Barretos, mesmo sendo a maior cidade da região, fica apenas com o papel de fornecedora de matéria-prima. Quem realmente fatura em termos fiscais e tributários são as cidades onde estão instaladas as usinas. Dados do IEA informam que Barretos teve o maior avanço de plantação de cana-de-açúcar, mas não está nos planos de implantação das 61 usinas anunciadas para o estado.

Questão ambiental

“Barretos está dentro da discussão ambiental que corre o mundo nos dias de hoje. O fim das queimadas aqui significa menos monóxido de carbono e dióxido de carbono na atmosfera. Estaremos dando uma contribuição significativa para diminuir o aquecimento global e melhorar a qualidade de vida”, afirma o vereador. Para as usinas este é um fator importante, porque os países compradores de nosso etanol estão de olho na responsabilidade ambiental.

A modernidade e a oportunidade do projeto de lei tangenciam várias questões apontando indicadores de melhoria em todas elas: na saúde da população, nas condições de trabalho e no meio ambiente. “Dai a importância de continuarmos lutando para que a Lei seja cumprida e beneficie a população de nossa cidade”.

Hoje trarei informações sobre o surgimento de um dos estilos musicais mais populares do mundo, o Rock 'n' Roll. Musicalmente falando quem primeiro definiu o estilo foi Bill Haley, baseado principalmente no country. A data mais comumente aceita como a da criação do rock and roll é a do lançamento da música Rock Around The Clock, em 12 de abril de 1954. Porém, o estilo só viria a explodir definitivamente em 1955, em grande parte influenciado pela sua inclusão como música de abertura do filme Sementes da Violência, que tratava de relações tumultuadas entre alunos e professores, fazendo com que o novo estilo passasse a ser associado à degeneração e à rebeldia da juventude.



Rodrigo Moreira

Bill Haley e seus Cometas



Chuck Berry

E quando todos pensavam que nada pior poderia influenciar em tão grande escala a juventude americana, eis que um negro, Chuck Berry, sobe às paradas com uma versão para o hit country *Ida Red*, renomeado para *Maybelline*. Embora nunca tenha conseguido para si o título que lhe poderia ser devido de rei do rock (usurpado pelo branco Elvis) sua importância nunca foi discutida.



Little Richard

Ainda mais assustadora para os conservadores porém seria a aparição nas paradas de um segundo negro, Little Richard; este ainda por cima afeminado, maquiado e com um penteado no mínimo exótico, cantando em seu primeiro verso o que viria a ser para sempre o grito de guerra mais conhecido do rock and roll, tão indecifrável quanto contagiante... “a wop bop a loo bop a lop b a a música... Tutti Frutti.

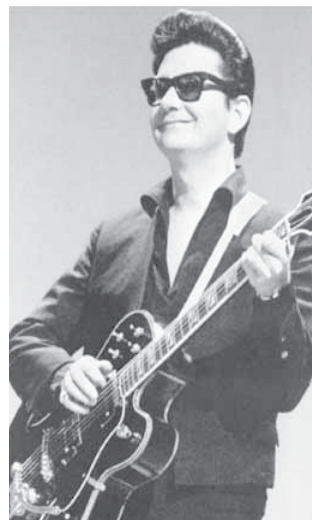


Elvis Presley

Em 1956, Elvis Presley consolidava seu sucesso com novos hits como *Heartbreak Hotel*, *Blue Suede Shoes* (que deveria ter sido lançada pelo seu autor, Carl Perkins, não tivesse este sofrido um grave acidente de carro que o deixou paralisado um ano) e regravações de músicas já consagradas como *Tutti Frutti* (com Little Richard) e *Shake Rattle and Roll* (com Bill Haley) tornando-se o Rei do Rock.



Roy Orbison – Jerry Lee Lewis – Gene Vincent



A Sun, tentando se livrar do estigma que a perseguiria de ser apenas a gravadora que descobriu Elvis e o vendeu por (apenas depois disso seria óbvio) uma ninharia, lançava Roy Orbison com *Ooby Dooby*. Como pianista, já tinha em seus estúdios aquele que viria em pouco tempo a ser seu grande trunfo e tentativa mais eficiente de



igualar o sucesso de Elvis, Jerry Lee Lewis. A Capitol Records responderia a Elvis com Gene Vincent and The Blue Caps, marcado pelo estilo do vocalista que balançava em torno de sua perna paralisada (na verdade paralisada em virtude de um acidente de moto) e pelo hit *Be Bop A Lula*. Mas, como se sabe, nenhum deles foi páreo para o Rei.

CRIATIVIDADE CONTRA A DENGUE

Alunos Entraram na Luta com Gibis

Especialmente elaborado pela Secretaria da Saúde, para crianças de 3 a 10 anos, o gibi “Vamos acabar com a Dengue”, com jogos e informações, foi recebido com alegria pelas crianças da Rede Municipal de Educação.



Após assistirem palestras, videos e participarem de passeatas os alunos da Rede Municipal colocam em prática tudo que aprenderam virando notícia de Tv no Jornal Regional com gibi na mão e o hino: “Dengue não...sai do Barretão.”

Secretaria Municipal
de Educação



Prefeitura do Município
de Barretos

Mais cultura e lazer para Barretos



São Paulo



Barretos

É com muito prazer que apresentamos a toda população barretense mais uma unidade da rede de Livrarias Nobel. Sua primeira loja foi fundada em São Paulo no ano de 1943 pelo imigrante italiano Cláudio Milano e logo se especializou na venda e edição de apostilas escolares. Desde o princípio se destacou pela qualidade e profissionalismo em suas atividades. Hoje, a empresa é formada pela rede de lojas e pelas editoras Nobel, Marco Zero, Studio Nobel e Conex, publicando livros sobre as mais diversas áreas do conhecimento. Trabalhando com sistemas de franquia desde 1992, a Nobel é hoje a maior rede de livrarias do Brasil com mais de 150 franquias distribuídas pelo mundo.

Aqui você encontra todos os clássicos da literatura, novos best-sellers e conta com serviços de encomendas, papelaria, revistaria, presentes diferenciados, além de uma cafeteria pra você degustar os melhores drinks com café. Neste espaço de lazer você ainda conta com uma gráfica digital para criação e impressão de cartões, convites, catálogos xerox colorida e muito mais. Sem dúvida, uma loja que veio pra fazer história.



Aberto de segunda a sábado
das 8h às 20h

Rua 22, nº 925 (15x17) - Centro - Barretos - SP
Fone: 17 3324.2022 / 17 3325.4934

Nobel

A maior rede de livrarias do Brasil